
OS MOVIMENTOS SOCIAIS

E AS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião – Mestrado e Doutorado – da PUC-GO, na sua busca em contribuir com a pesquisa e produção científica sobre o fenômeno religioso, quer, com este número da revista *Caminhos*, contemplar, registrar e intercambiar a produção acadêmica em torno da Religião e de Movimentos Sociais.

Queremos lembrar aos nossos leitores que o nosso programa trabalha, claramente, uma área de concentração Religião, Cultura e Sociedade, com três linhas de pesquisa: Cultura e Sistemas Simbólicos, Religião e Movimentos Sociais e Religião e Literatura Sagrada.

Esta edição, ao trabalhar os Movimentos Sociais, quer contribuir com as pesquisas que busquem a significação do fenômeno religioso como fato social. Cada articulista busca, na sua produção científica, entender os movimentos sociais e religiosos nos horizontes da Sociologia da Religião.

O Programa trabalha, objetivamente, as religiões. Os pesquisadores olham as religiões no nível dos fenômenos religiosos. Sendo fenômenos, podem ser verificados, além da aparência, como algo que os transcende. Essa revelação gradativa leva o verificador ao campo do sinal, onde manifesta a realidade. Por isso, o fenômeno nunca pode ser separado da realidade. Dessa, surge todo o valor representativo. Os cientistas da religião buscam essa realidade que está por trás do fenômeno. Assim sendo, compreende-se que as religiões se manifestam por atitudes

exteriores que revelam atitudes interiores. As religiões também se revelam por ações e gestos cujos sentidos lhes transcende.

No primeiro artigo, *A Relação entre Religião e Gênero como um Desafio para a Sociologia da Religião*, a Prof. Dra Sandra Duarte, da Universidade Metodista de São Paulo, faz uma reflexão mostrando como os estudos de gênero têm contribuído para a nova configuração das perspectivas da Sociologia da Religião. Ao seu ver, a relação entre gênero e religião é, de fato, um desafio para a Sociologia da Religião. Porém, é um desafio fascinante a incorporação de gênero como categoria analítica nessa linha de pesquisa.

No segundo artigo, *Novos Movimentos Religiosos como Desafio à Sociologia da Religião na Atualidade*, a Prof. Dra. Deis Siqueira, da Universidade de Brasília e do CNPq, faz um rápido percurso pelo pensamento dos clássicos da Sociologia (Comte, Durkheim, Weber, Marx) sobre a religião, visando detectar como eles podem subsidiar a compreensão de diferentes aspectos da sociedade atual, tal como a relação indivíduo-instituição e, no caso, instituições religiosas e seus segmentos. O que chamou essa discussão foi a percepção de que o campo religioso brasileiro, na atualidade (com exceção dos protestantes), é caracterizado por distanciamento dos adeptos religiosos da vivência eclesial e dos sacramentos, sendo a Igreja, no geral, considerada autoritária e dogmática. Caracteriza-se por uma vivência religiosa individualizada e solitária; experiência simultânea de crenças e de práticas ou de religiosidades pessoais, as quais agregam valores, práticas, crenças de tradições religiosas diversas; recuperação da magia e exaltação dos sentidos que colocam o homem em contato com o cosmos; estética que se comunica com as emoções (harmonização com a natureza, equilíbrio emocional, saúde); dimensão de auto-ajuda (terapias que recuperam energias e auxiliam no cotidiano). A partir desse quadro percebe-se que, embora os clássicos da Sociologia da Religião ainda tenham muito a dizer, há que recorrer a outros pensadores cujo olhar consegue compreender mais profundamente a nova realidade que se expressa.

O Prof. Dr. Emerson Giumbelli, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no terceiro artigo, *A Sacralidade do Desencanto: observações sobre dois conceitos célebres*, trabalha com conceitos centrais de dois de nossos clássicos de um modo que, ao mesmo tempo, considera sua pertinência e os submete a entendimentos e empregos algo dis-

tantes de sua elaboração inicial. De Durkheim, trabalha o conceito de sagrado. De Weber, o de desencantamento do mundo.

A Prof. Dra Carolina Teles Lemos, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, no quarto artigo, intitulado *Meu Mal, Meu Bem, Meu Zen: o indivíduo(alismo) moderno como um desafio às teodicéias*, procura analisar a percepção do mal na atualidade, à luz das ciências sociais. O mal existe. A autora busca compreender a percepção do mal que está no imaginário coletivo e como cada indivíduo experiencia e procura resolver os males que o envolve. Para isso, ela parte do pressuposto de que, para as pessoas, o bem é a vida longa e plena. Esse bem é buscado na religião. Aqui, existe a garantia dele. Como explicar a contradição entre a experiência do mal e as promessas de que a religião garante esse bem? A autora procura ver se alguma teodiceia tem respostas convincentes à questão do mal que envolve os seres humanos hoje.

No quinto artigo, *Las Religiones Periféricas y la Etnografía de la Modernidad Latinoamericana como un Desafío a las Ciencias de la Religión*, o Prof. Dr. Pablo Wright, da CONICET-Universidad de Buenos Aires, apresenta um texto que faz parte de um projeto maior que tem por objetivo compreender a dinâmica socioreligiosa na América Latina. A questão central do projeto gira em torno das características que assume no campo religioso a modernidade periférica latino-americana. Nesse campo religioso, há grupos e instituições que ocupam eles mesmos espaços periféricos e heterodoxos em relação aos grupos dominantes. Esses espaços periféricos são lugares liminares, de entrada e saída da modernidade, nos quais acontece uma forte criatividade cultural e uma reinvenção das tradições. O texto examina quatro exemplos: a Ordem Rosa Cruz AMORC de Buenos Aires, os grupos espiritistas da Escola Científica Basilio da Argentina, o culto venezuelano de María Lionza e o culto do Santo Daime no Brasil. Todos esses grupos se definem como uma ciência espiritual, esquecida e ignorada pela ciência moderna. Eles remetem a uma *tradição* longínqua e propõem tecnologias do ser, ou seja, têm práticas e crenças para um caminho próprio de perfeição.

O Prof. Dr. Sérgio Sauer da Universidade de Brasília, no sexto artigo, *A Relação entre a Concepção de Espaço e os Deslocamentos do Religioso na Sociedade Atual*, mostra que, a partir do Iluminismo, a metáfora fundadora do pensamento moderno é o progresso, com uma

ênfase na centralidade do tempo e da história. Porém, segundo ele, há uma retomada do espaço que enfatiza um modo de pensar que inclui a dimensão espacial. O mundo é olhado a partir do lugar. Como esse lugar não é estático, é fundamental incluir mudanças espaciais e deslocamentos, inclusive do simbólico e do religioso na contemporaneidade. O artigo olhará para esse deslocamento, inclusive como um outro jeito de ver os processos modernos de desencantamento, refletindo sobre o lugar da religião como “um amor reflexivo à vida”.

O Prof. Dr. Alberto Moreira, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, no sétimo artigo, intitulado Empresas de Salvação e Capitalismo do Imaginário como Desafio à Sociologia da Religião aborda o deslocamento e a confusão das fronteiras entre religião e sistema econômico. As interrelações entre capitalismo e religião não são recentes, como Marx e Weber na sua época já mostraram, mas atualmente parecem ter atingido uma intensidade ou qualidade nova. Há correntes teóricas como a chamada “economia religiosa” e a “escolha racional” que aplicam sem rodeios a linguagem e as categorias de análise da economia (liberal) de mercado às chamadas empresas de salvação; tal corrente vê no funcionamento do “mercado religioso” as mesmas “leis” ou dinâmicas que identifica no funcionamento da economia de mercado. Outra corrente, mais antiga e ligada ao marxismo, afirma a natureza religiosa do próprio capitalismo como um sistema totalitário que tenta satisfazer exatamente as mesmas necessidades humanas para as quais a religião afirma ter uma resposta. Diante das imbricações impressionantes entre bens de salvação e mercadorias simbólicas, entre a metafísica do capitalismo e a constituição de novas propostas religiosas e de situações nas quais o mercado cria as condições para a própria irupção da experiência religiosa, os conceitos e instrumentos teóricos tradicionais das ciências da religião nem sempre funcionam adequadamente. A Sociologia da Religião vive a metáfora do cobertor curto; ela precisa pensar novas formas de enfrentar a complexidade crescente do econômico que pervade e desloca a própria noção de campo religioso.

Na seção Comunicação poderemos acompanhar uma interessante reflexão do Prof. Dr. Enzo Pace, da Universidade de Padova, que analisa a conexão entre guerra e religião na sociedade contemporânea. Para ele, essa ligação surge através da consagração de uma identidade étni-

ca, que é um verdadeiro processo de construção social de uma identidade coletiva. Grupos humanos tendem a se mobilizar através de vários recursos simbólicos como as escrituras sagradas da memória coletiva, a transformação de um terreno (reivindicam suas origens históricas aí) em uma Terra Santa e, finalmente, a identificação de um inimigo responsável por todos os males e frustrações. A identidade étnica incorpora, então, a luta do Puro contra o Impuro. O *ethnos* e as ambições políticas caminham juntos. Por isso, a guerra santa é legitimada.

A revista *Caminhos*, como veículo próprio do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, apresenta o resumo das Dissertações do Mestrado defendidas entre 2008 e 2009. Alguns desses mestres continuam, hoje, no nosso Programa, fazendo agora, com entusiasmo, o Doutorado em Ciências da Religião.

Que as leitoras e os leitores deste número da revista *Caminhos*, lendo o resultado das pesquisas dos articulistas sobre a Religião e os Movimentos Sociais, percebam que qualquer fenômeno religioso exprime experiências religiosas. Se o fenômeno religioso é a expressão da experiência religiosa, a literatura em torno dos Movimentos Sociais e das Religiões são reflexos dessas experiências.

Joel Antônio Ferreira
Editor